

# O futuro do ilustrador de jornais: reflexões sobre a formação e atuação profissional na visão do campo

Vinicius José Shindo Mitchell

*Mestre em Design pela PUC-Rio. Ilustrador, quadrinista e infografista editorial e jornalístico. Ilustrador da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro.*

*vinicius.mitchell@gmail.com*

Luiza Novaes

*Professora do quadro principal do Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Doutora em Design pela PUC-Rio. Mestre em Photography and Related Media pela School of Visual Arts, NY, USA. Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar Design Educação - LIDE/LPD, da PUC-Rio. lnovaes@puc-rio.br*

Alexandre Farbiarz

*Professor do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense – UFF e do curso de Graduação em Jornalismo da mesma instituição. Doutor e Mestre em Design pela PUC-Rio, Mestre em Educação e Linguagem pela USP. Coordenador do grupo de pesquisa educ@mídias.com – Educação para as Mídias em Comunicação da UFF, e do laboratório LINC-Design - Linguagem, Interação e Construção de Sentidos, da PUC-Rio. alexandre.farbiarz@gmail.com*

## Resumo

*Este artigo apresenta resultados de pesquisa de campo qualitativa realizada durante pesquisa de mestrado em Design entre 2016 e 2018. Foram entrevistados 31 ilustradores de jornais brasileiros, respondendo às seguintes perguntas: 1) Consideremos duas relações de trabalho distintas: o ilustrador que trabalha presencialmente na Editoria de Arte da Redação – diariamente ao lado de outros ilustradores, infografistas, designers e jornalistas –, e o ilustrador que trabalha remotamente – sem obrigação de estar na Redação, desenvolvendo seus trabalhos a partir de encomendas por e-mail e teleconferências, por exemplo –, como você vê os prós e os contras da experiência do ilustrador de jornal em cada uma dessas situações/ambientes, na sua percepção?; 2) Como você vê o futuro da profissão de ilustrador na indústria jornalística?. A análise das respostas apresenta expectativas e ansios dos profissionais em relação ao futuro da profissão e sua inserção nas rotinas produtivas do jornalismo.*

## Palavras-chave

*Ilustração jornalística; Experiência; Design de notícias; Ilustrador; Ilustração.*

## Abstract

*This article presents results of qualitative data developed during a Masters in Design research from 2016 to 2018. Thirty-one illustrators from Brazilian newspapers were interviewed, answering the following questions: 1) Considering two different work relationships: the illustrator that works in person in the newsroom – daily and side by side with others illustrators, designers and journalists –, and the illustrator that works from distance – without mandatory meetings, developing his commissions from e-mail and video-calls – how do you see the pros and cons of the experience as a newspaper illustrator in each situation, in your view?; 2) How do you see the future of the illustrator in the news industry? The answers analyzed present concerns and hopes regarding the future of the job of newspaper illustration and its insertion in the productive routines of journalism.*

## Keywords

*News illustration; Experience; News Design; Illustrator; Illustration.*

## Introdução

Durante pesquisa de mestrado realizada entre março de 2016 e abril de 2018<sup>1</sup>, entrevistamos 31 ilustradores de jornais brasileiros. Tínhamos como objetivo geral do projeto compreender como as rotinas produtivas com necessidades multiplataforma impactam a ilustração jornalística e o trabalho do ilustrador, identificando desafios para sua inserção – e o desenvolvimento de seu potencial – nas versões dos jornais que alcançam *smartphones*. Embora o enfoque inicial fosse o do Design e do Jornalismo, a partir da revisão bibliográfica e, principalmente, do contato com o campo, emergiram também questões ligadas à Educação e Cultura, refletindo mais o *ilustrador* que a *ilustração*. Analisando o material qualitativo, foi possível identificar na visão dos entrevistados expectativas e anseios em relação à **formação** e ao **desenvolvimento profissional** dos ilustradores, às possibilidades de **interação e convívio** entre profissionais de gerações diferentes, a possível **desvalorização** da profissão e do **uso da ilustração jornalística**, às oportunidades de publicação **intermitentes** e uma eventual menor **segurança econômica**, assim como caminhos para uma possível **reinvenção** por parte do ilustrador – a expectativa de **futuro** para a profissão –, incorporando linguagens e **noções de design e jornalismo** para atuar de maneira **multidisciplinar** e buscar espaços de protagonismo no **contar de histórias** do jornalismo.

O artigo apresenta os resultados da análise qualitativa relativa a dois tópicos dessa pesquisa, que trouxeram questões ligadas ao trabalho do ilustrador:

- **Como os ilustradores vêm os prós e os contras entre o trabalho presencial (fixo na redação) e o trabalho à distância (remoto, sem obrigação de presença).**
- **Como os ilustradores vêm seu futuro profissional na indústria jornalística.**

Os tópicos se correlacionam por abordarem aspectos que impactam a profissão de ilustrador jornalístico em um momento de crise e transição tecnológica no modelo de produção dos jornais. Notadamente, uma queda do número de leitores dos jornais impressos e um esforço cada vez maior, por parte das redações, de produzir conteúdo multiplataforma, cada edição do jornal sendo adaptável a três versões de leitura: impressa, *desktop* e *mobile* (para leitura em *smartphones*), assim como a preparação constante de material *especial*<sup>2</sup> para publicação digital com uso de recursos interativos e audiovisuais.

## Critérios de seleção e Metodologia

Ilustradores podem realizar diferentes tipos de trabalhos na rotina jornalística da Editoria de Arte: ilustração, infografia, quadrinhos, charge, cartum ou caricatura. E, pelo raciocínio reverso, encontraremos também diferentes nomenclaturas de profissionais do desenho que realizam ilustrações: cartunistas, quadrinistas, infografistas, designers, artistas-gráficos e artistas-plásticos. Por vezes, um mesmo profissional realiza mais de um trabalho dentro dessas tipologias em diferentes momentos da rotina. Optamos por chamar essas especificidades de “posicionamentos” possíveis para o cargo de “ilustrador”, uma vez que a designação “ilustrador” se tornou abrangente e vaga no trabalho jornalístico – aspecto que já havia sido observado na pesquisa de Gilmar Hermes (2005).

Foram convidados a participar na pesquisa, portanto, profissionais cujo cargo fosse

---

<sup>1</sup> “A ilustração jornalística e os desafios para sua experiência em *smartphones*” (2018)

<sup>2</sup> Trabalhos externos ao *hard news e breaking news* (as notícias importantes e imediatas), preparados com mais tempo de antecedência e elaboração de maior fôlego para publicação eventual.

"ilustrador" e que atuassem no jornalismo *diário*, não importando se como funcionário de empresa jornalística ou como *freelancer*, colaborando remotamente e/ou eventualmente. Não excluímos de antemão um ilustrador autointitulado "infografista" ou "chargista" – deixamos a critério do próprio profissional entrevistado responder, após o convite, sobre seu posicionamento como "ilustrador". Como esperado, alguns não julgaram que seu trabalho é "ilustração" e declinaram sua participação. Foram convidados tanto ilustradores renomados, como ilustradores iniciantes e veteranos de perfil discreto. Procuramos escutar a opinião do maior número de ilustradores de jornais brasileiros possíveis.

A abordagem dos profissionais foi feita por e-mail e pelas redes sociais. Em caso de aceite, um e-mail era enviado com um questionário com 33 itens (levantamento quantitativo) e 5 perguntas abertas (levantamento qualitativo). Caso o entrevistado preferisse, foi realizado um encontro presencial ou conferência por vídeo. Os convites ocorreram entre 6/2/2017 e 11/5/2017. Foram convidados 106 profissionais, dentre ilustradores e editores de arte, de 16 estados brasileiros. Ao final, 40 responderam ao questionário e 31 às perguntas abertas da entrevista e questionário.

As perguntas da entrevista foram elaboradas enfocando objetivos específicos da pesquisa, a partir de uma etapa inicial de entrevistas exploratórias com um grupo reduzido de ilustradores. No artigo, apresentaremos o resultado da análise somente das respostas às seguintes perguntas:

Pergunta	Objetivo específico da pesquisa atendido
<p><b>B</b> Consideremos duas relações de trabalho distintas: o ilustrador que trabalha presencialmente na Editoria de Arte da Redação – diariamente ao lado de outros ilustradores, infografistas, designers e jornalistas –, e o ilustrador que trabalha remotamente – sem obrigação de estar na Redação, desenvolvendo seus trabalhos a partir de encomendas por e-mail e teleconferências, por exemplo –, como você vê os prós e os contras da experiência do ilustrador de jornal em cada uma dessas situações/ambientes, na sua percepção?</p>	<p>Identificar e compreender como o ilustrador se insere nas rotinas produtivas do jornalismo.</p>
<p><b>E</b> Como você vê o futuro da profissão de ilustrador na indústria jornalística?</p>	<p>Identificar e compreender como o ilustrador se insere nas rotinas produtivas do jornalismo.</p>

Tabela 1 – Perguntas abertas respondidas pelo campo em pesquisa.

Como referencial teórico para a codificação e análise das respostas às entrevistas com perguntas abertas, utilizamos o Método de Explicitação de Conteúdo Subjacente – MEDs, descrito por Ana Maria Nicolaci-da-Costa (2007). O MEDS é um método exploratório qualitativo bastante interdisciplinar, desenvolvido para a pesquisa em psicologia clínica, que prevê a investigação aprofundada em contexto, amostras pequenas e flexibilidade de procedimentos e técnicas, com a especificidade de que trabalha com "material discursivo [...] aliado a uma concepção de que a língua em contexto – o discurso – desempenha um importante papel na construção social da esfera do psicológico." (Nicolaci-da-Costa, 2004).

Alguns pontos de nosso processo foram alimentados pela metodologia do MEDS, com a qual compartilhamos os seguintes procedimentos:

- Entrevistas semiestruturadas – perguntas abertas – presenciais ou feitas por escrito via e-mail;
- *Settings* naturais ou informais para as entrevistas;
- Entrevistas-piloto; realizamos entrevistas exploratórias com o mesmo intuito de "testar a adequação do roteiro ao objetivo da pesquisa" e "treinar o entrevistador inexperiente" (Nicolaci-da-Costa, 2004);
- Convite feito da forma mais natural possível;
- Cuidado para evitar interrupções desnecessárias, deixando o entrevistado livre para se expressar na resposta aberta;
- Gravação de todas as entrevistas, mas evitando-se aparato tecnológico ostensivo que pudesse intimidar ou alterar a postura do entrevistado.

Essa proposta metodológica permite que se observe o surgimento de temas inesperados, a partir dos pontos de vista dos entrevistados nas repostas. Sem pré-estabelecer temas, observamos **recorrências** nos discursos das respostas, transformando-os em categorias. Eventualmente, os pontos de vistas tornam-se repetitivos, o que o MEDS define como ponto de **saturação**:

Por saturação da informação entende-se o fenômeno que ocorre quando, após um certo número de entrevistas, o entrevistador começa a ouvir, de novos entrevistados, relatos muito semelhantes àqueles que já ouviu, havendo uma rarefação de informações novas. [...] O MEDS parte do pressuposto de que qualquer característica linguística ou para-linguística que seja recorrente nos discursos dos participantes de uma pesquisa pode ser uma importante via de acesso a aspectos de nossa configuração interna – desejos, aspirações, conflitos, etc. – que nós próprios muitas vezes desconhecemos. Tal como a febre é um indicador de algo invisível (uma infecção), essas características recorrentes são indicadores de algo invisível que se quer tornar visível. (NICOLACI-DA-COSTA, 2004)

Após as transcrições das entrevistas, a análise se deu em dois movimentos. Primeiro, procuramos **recorrências** no conjunto total de respostas – estabelecidas nas relações "inter-sujeitos" –, relacionando-as a cada item do roteiro. Em seguida, foi observado o conjunto de respostas de um mesmo entrevistado, encontrando recorrências entre diferentes perguntas – "intra-sujeitos". A partir da interpretação dos dados, propusemos categorias de análise a partir dos temas que surgiram nas respostas.

Ao longo das leituras iniciais evidenciou-se que os entrevistados abordavam um mesmo tema em repostas a perguntas diferentes. Da mesma forma, um tema explicitado em uma determinada pergunta com frequência era de interesse ao objetivo específico de outra pergunta. Essa técnica permitiu o melhor mapeamento dos temas que surgiram nas respostas.

Para suporte ao trabalho de codificação, utilizamos o *software Google Spreadsheets*. As entrevistas foram tabeladas em planilhas: uma para cada pergunta e cada uma contendo a reposta de todos os ilustradores à pergunta. Um número de identificação foi, então, designado para cada entrevistado. A partir da releitura e da análise do material, temas foram identificados quando emergiam do conjunto de respostas dos ilustradores. O trecho era destacado e copiado para uma nova linha na planilha, recebendo um código correspondente a partir do número de identificação do ilustrador, além de uma sugestão de rótulo para um tema.

Uma vez que todas as repostas foram analisadas e rotuladas em temas possíveis, uma

cópia da planilha foi feita para uma segunda rodada de análise. Ordenando os temas em ordem alfabética foi possível observar novas recorrências. Nesse momento, observamos também temas que poderiam ser agrupados sob um rótulo mais abrangente, de acordo com os objetivos da pesquisa. Após consolidação dos temas de uma pergunta, observamos a prevalência quantitativa de cada tema no conjunto de respostas dos ilustradores.

## Trabalho presencial versus remoto

Perguntados sobre os prós e os contras da experiência profissional de trabalhar presencialmente na redação, ante a realização de trabalho remoto, à distância, o principal tema destacado nas respostas dos ilustradores foi a **aprendizagem no convívio com colegas e a riqueza de interações da redação**. Fernando Rodrigues, o Quarentinha, um dos pioneiros da infografia brasileira recorda como aprendeu as técnicas do ofício aos 18 anos, quando começava a carreira como ilustrador de Mapas & Gráficos na redação do *Estadão/Jornal da Tarde*, em 1971:

Tinha o Maurício Tortelli que, se estivesse trabalhando hoje, seria um dos maiores infografistas do planeta. Estava à frente do tempo dele e morreu muito novo, com 40 anos. Na redação do Estadão era a época do Fernando Mitre, Fernando Silva Pinto, Percival de Souza... O Tortelli, quando estava fazendo um infográfico, ninguém parava perto dele, ninguém perturbava ele. Um belo dia, eu já acompanhava os trabalhos dele – ainda recém chegado no jornal – e parei ao lado da mesa dele. Ele viu meu interesse, me olhou: "você quer aprender a fazer isso aqui?" E a partir daí, foi me ensinando. Aprendi a fazer tudo com compasso: mapa, ilustração... Riscava no lápis e dava a arte-final no compasso, saía tudo certinho. Ele me passou o material necessário para comprar, a marca do compasso, que era um compasso de arquiteto, e do tira-linha que ele usava. Comecei a treinar. Observava ele trabalhando e depois fazia. Ele era um monstro, autodidata. (RODRIGUES, 2016)

Mário Leite, Editor de Arte do *GloboEsporte.com*, por sua vez, citou o aprendizado que teve com o próprio Fernando Rodrigues, com quem conviveu no final dos anos 1990 na redação do jornal *Lance!*:

Quem me ensinou infografia e foi meu grande professor foi o Fernando Rodrigues, o Quarentinha. O contato com ele foi um divisor de águas na minha carreira e acho uma pena ele ter se aposentado. Acho que poucas pessoas podem falar do Quarenta como eu posso falar. É um cara profundamente competente, inovador e inteligente com o trabalho dele. Ele sozinho foi uma formação inteira de infografia para mim. Foi muito generoso comigo no *Lance!*. (LEITE, 2017)

Essas falas exemplificam como o conhecimento de um ofício específico como o de ilustrador de jornal e infografista é transmitido através de profissionais de gerações diferentes no convívio das editorias de Arte. Mário Alberto, que começou a carreira como chargista do *Lance!*, também relata o contato com profissionais mais experientes no início de sua carreira:

A equipe no início do *Lance!* tinha o Quarentinha, infografista, mas desenhando. E com aquele jeito: "Vou te apresentar o Chico! Vou te apresentar o Cruz e o Cavalcante!" E eu: "Cara, sério!?" E ele: "Vamos tomar um chope com eles!" [risos] E tinha o Ique que fazia charge. Quando

entrei, usava a mesma técnica que o Ique e o Chico usavam ecoline com lápis de cor. Eu já estava lá, fui contratado com o jornal em formação. O Ique chegou quando o jornal ia pra banca. E eu pensei: caramba, tô aqui trabalhando do lado dele, que é um cara que já tem um nome. E o estilo é muito próximo. E já tinha o problema dele com estilo em relação ao Chico. E eu seguia essa mesma "família". Então tomei uma decisão: abandonei o lápis de cor. Era aquele tapinha no final. Mas decidi resolver só na ecoline para diferenciar mesmo. Como tinha essa convivência, eu via como ele processava as informações para fazer a charge rapidinho. Tanto que a primeira charge que eu publiquei foi no número zero do *Lance!*. (ALBERTO, 2017)

Por esse motivo, o trabalho em redação é considerado ideal para artistas mais jovens, em formação. Quando já treinados e com noções de jornalismo, é mais fácil trabalhar remotamente. Bennet (chargista da *Folha de SP* e *Gazeta do Povo*), Odyr Bernardi (artista gráfico *freelancer*) e Mário Alberto têm opinião nesse sentido:

Trabalhei 10 anos dentro de redação e gostava da dinâmica do trabalho. Ser obrigado a resolver uma ilustração em menos de 20 minutos era interessante, era divertido vivenciar o ambiente de fechamento e discussões de pauta, correrias e cafés e cigarros. Telefone tocando o tempo todo, havia um dinamismo que tinha reflexo no desenho. Porém, ao trabalhar na solidão do estúdio você tem tempo de fazer um trabalho mais bem acabado, mais pensado, com mais referências porque dá para pesquisar melhor. E há a solidão, essencial para todo artista. Costumo dizer que trabalhar dentro da redação é a melhor coisa do mundo quando você tem 20, 22 anos. (BENNET, 2017)

Estive nas duas situações. O presencial tem a vantagem de aprender a desempenhar sob pressão e conviver e aprender com os colegas. A desvantagem é tempo perdido entre tarefas, o tempo-bunda, como chamava o Jaca. Acho que, em linhas gerais é uma situação positiva para artistas jovens. (BERNARDI, 2017)

Com a experiência que tenho, já trabalhei para jornal de casa, com fechamento. Até brincava com eles: já tenho um fechamento dentro de mim [risos] não preciso da redação. Até no início eu cumpria lá meu ritual de tomar banho na mesma hora e colocar uma roupa. Só não botava sapato! Para não quebrar aquela coisa de quando eu costumava ir trabalhar. Eu continuava indo, só que a cadeira era na minha casa e não no centro da cidade. (ALBERTO, 2017)

### Pergunta B

Consideremos duas relações de trabalho distintas: o ilustrador que trabalha presencialmente na Editoria de Arte da Redação – diariamente ao lado de outros ilustradores, infografistas, designers e jornalistas –, e o ilustrador que trabalha remotamente – sem obrigação de estar na Redação, desenvolvendo seus trabalhos a partir de encomendas por e-mail e teleconferências, por exemplo –, como você vê os prós e os contras da experiência do ilustrador de jornal em cada uma dessas situações/ambientes, na sua percepção?

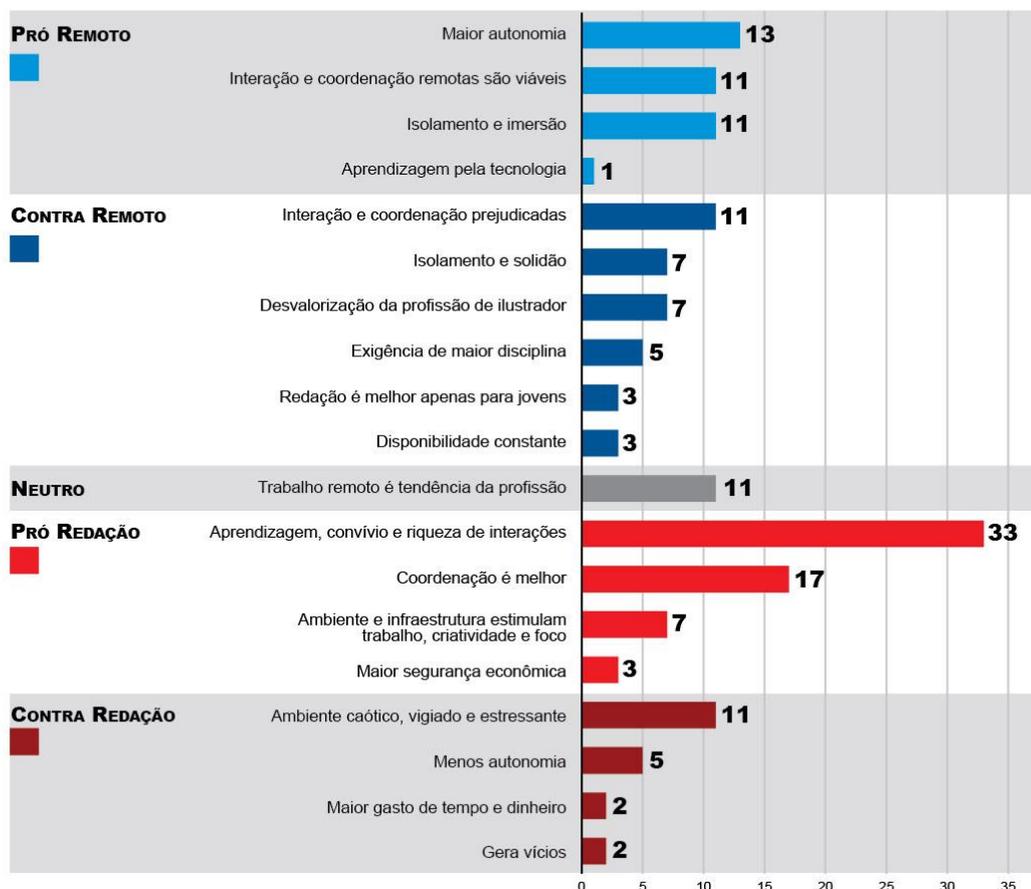


Figura 1 – Prevalência dos temas codificados nas repostas à pergunta.

Além disso, a redação é um ambiente onde oportunidades surgem diante do imprevisto emergencial. Mário Alberto conta a história de sua primeira charge:

Na minha entrevista para ser contratado do *Lance!*, como sou formado em Design Gráfico, mesmo fazendo caricaturas, também tinha um interesse por diagramação. Então falei: "Posso fazer um infográfico, diagramar uma página, fazer uma caricatura, uma ilustração. Mas charge não vou fazer, não, porque não sei fazer." [risos] Aí no número zero, o editor-chefe, entrou e olhou... e eu lembro exatamente do sol batendo, foi muito marcante para mim... chamou: "Mário, faz uma charge pra mim?" E eu: "Não, cara, mas não falei que não ia fazer charge?" E ele: "Não, não, não, faz uma charge aí, vai?... faz um negócio do Rubinho ou Schumacher, aí?" Acho que foi a única vez que me pautaram [risos]. E aí eu fiz e comecei a fazer. (ALBERTO, 2016)

Orlando Pedroso defende, entretanto, que o ambiente ideal de uma Redação teria a mistura e convivência de profissionais jovens e veteranos:

Uma redação deveria ser formada por profissionais tarimbados e jovens com sangue nos olhos. Hoje o chefe de uma editoria se formou um ou dois anos antes de que seus subordinados. São, de certa forma, todos focas inexperientes e ficam diariamente tentando inventar o que já existe há séculos. Eu trabalhei com grandes profissionais e essa foi minha escola, minha faculdade. Fortuna, Angeli, Mariza Dias Costa, Luiz Gê, Paulo Caruso e tantos outros que diariamente me influenciaram e se deixavam influenciar. (PEDROSO, 2017)

O segundo principal argumento em prol do trabalho na redação é o de que a **coordenação é melhor**. Para Jarbas Domingos (2017): "Temos um *feedback* mais rápido através dos colegas de redação", ponto similarmente observado por Samuca (2017). Por conta desta agilidade no diálogo, Kleber Sales (2017) destaca que "presencialmente existe a possibilidade do ajuste fino de cada trabalho até o último momento antes de baixar a página." Brum enxerga vantagem na proximidade:

A principal vantagem de quem trabalha de forma presencial é o planejamento da ilustração, o bate bola com os editores e outros profissionais que podem enriquecer muito o resultado final do material, a coleta de informações, as dicas de algo que pode ser feito pra melhorar a arte mas que às vezes passa despercebido. (BRUM, 2017)

Para Vladimir Barros de Souza, coordenador de design do *Jornal do Comercio*:

Já trabalhei em ambas situações, mas a tecnologia mudou muito essa perspectiva e encurtou muito a diferença do trabalho remoto para jornal. Porém, para os novos processos digitais, a grande maioria das vezes estar próximo facilita o entendimento e execução de determinados materiais. (SOUZA, 2017)

O diálogo é valorizado pela possibilidade de se participar do processo criativo desde o princípio, evitando que o ilustrador se torne executor de ideias de terceiros, apenas entregando solicitações. Igualmente, a **menor interação e coordenação** aparece também como fatores contrários ao trabalho remoto. Segundo Edu Oliveira:

Na minha opinião a presença física das pessoas no mesmo local ajuda muito na percepção e nos ajustes que o trabalho sofre durante o processo. Conhecer as pessoas e perceber o tom de voz e suas reações agiliza o entendimento dos objetivos em jogo, ou seja, o ilustrador percebe se ele está numa relação de igualdade profissional ou se ele está sendo um mero executor da ideia de outra pessoa. O trabalho remoto é mais confortável para o ilustrador mas exige tanto dele como do cliente disciplina, maturidade profissional e uma civilizada relação de confiança. (OLIVEIRA, 2017)

Francisco Martins, ilustrador *freelancer*, sugere preocupação no mesmo sentido:

Meus comentários sobre trabalhar na Redação têm fundo hipotético, pois só trabalho remotamente e talvez por isso mesmo, sofra da grande dificuldade

que é alinhar meu discurso visual com o do redator. Acredito que trabalhar na Redação tornaria esse processo mais dinâmico e ilustração e texto funcionariam quase como um terceiro discurso, pois somariam forças se fossem concebidos juntos desde o primeiro rascunho. Trabalhar remotamente nesse sentido possui um caráter impessoal porque não é um processo de troca mas sim uma entrega. (MARTINS, 2017)

Apesar disso, identificamos o argumento de que a **interação e coordenação são viáveis à distância**. Para Renato Machado: "Hoje, com a tecnologia, você consegue trabalhar junto com a arte, mesmo remotamente. O editor te manda a página, etc. e tal." Mário Tarcitano (2017) acredita que "a comunicação não fica prejudicada. Sendo necessário apenas pequenos acertos verbais entre as partes interessadas." Arnaldo Branco e Bruno Drummond também corroboram visão nesse sentido:

Acho que não há perda para quem trabalha remotamente, existem ferramentas muito melhores hoje em dia para trocar impressões com outros ilustradores - alguns até morando a milhares de quilômetros de distância. (BRANCO, 2017)

Trabalho em casa, uso e-mail, Skype e afins. Para editoras no Brasil e na Inglaterra, o processo é o mesmo: recebo o *briefing*, negocio o valor, envio o *rough* a lápis, faço correções e ajuste de acordo com os comentários, mando a arte e a nota e recebo o depósito em conta. Simples e eficiente. (DRUMMOND, 2017)

Gil Tokio (2017) observa ainda que, dessa forma, positivamente, o "diálogo com demais profissionais tende a ser mais conciso e objetivo". Para Renato Carvalho, a ilustração editorial é mais viável de ser realizada à distância:

Na ilustração editorial eu não vejo como tão necessária a presença numa redação, pois o que conta mais é a delimitação do espaço da ilustração e o texto. Fatores esses, que podem ser compartilhados sem nenhum problema por meios digitais sem qualquer prejuízo. (CARVALHO, 2017)

O **isolamento** foi outro tema de destaque. Quando associado à ideia de **imersão e conforto** no trabalho, é visto **positivamente** no trabalho remoto:

Vivi esta experiência no *Globo* durante 5 anos trabalhando de *Floripa*. Acho que devo ter sido o primeiro ilustrador contratado de carteira assinada trabalhando fora da redação. Pontos favoráveis que eu vivi é que você é dono de seu tempo, respeitando o compromisso que você tem com o fechamento do jornal. Você fica mais a vontade em seu ambiente. Se organiza melhor e aprende a ter disciplina. Na minha experiência rendia mais em casa do que na redação. Achei muito ruim a falta do convívio em grupo e do parecer imediato da opinião de colegas sobre a ideia ou arte que você criou para tal matéria. (DUARTE, 2017)

Ao trabalhar na solidão do estúdio você tem tempo de fazer um trabalho mais bem-acabado, mais pensado, com mais referências porque dá para pesquisar melhor. E há a solidão, essencial para todo artista. (BENNET, 2017)

Para Gil Tokio (2017), "o processo de ilustração às vezes pode ser mais produtivo sem uma redação inteira a sua volta." Segundo Samuca: "Em casa, num ambiente tranquilo o desenhista fica mais a vontade pra "lamber a cria". [...] pode colocar uma música nas alturas enquanto trabalha." Tal como X. (2017), que acredita que "Trabalhar remoto pode trazer conforto e uma certa paz"; e Renato Machado (2017) que desenvolve melhor o seu trabalho "fora da loucura da redação."

Quando associado à **solidão, perda de foco ou disciplina e alheamento dos processos criativos e decisórios do jornal**, o isolamento torna-se uma **desvantagem**. Segundo Orlando Pedroso (2017), "esse isolamento e solidão - próprios dos desenhistas - é um atraso que temos que combater." Jarbas Domingos e Robson Vilalba também abordaram essa questão em suas respostas:

[...] com a internet você pode buscar referências e acompanhar trabalhos de outros ilustradores. A desvantagem é o isolamento. Acontece que uma conversa é excelente em algumas situações para soltar o freio e acelerar o processo criativo ou até para encontrar um solução gráfica. (DOMINGOS, 2017)

Fora da redação a relação também é boa. Acho que você pode ficar mais disperso nas referências, nem sempre estando em contato com do ambiente de informação, da notícia – hora você pode estar preso a uma série no *Netflix*, depois se envolve em questões no *Facebook*. Isso também pode ser legal, se você conseguir retirar uma influência disso ou daquilo. Mas acho que perde um pouco o noticioso. Vai para outro lado, o que não necessariamente seja bom ou ruim. (VILALBA, 2017)

O trabalho remoto é, portanto, associado à exigência de **maior autodisciplina**. Para Odyr Bernardi, "A questão é uma habilidade ou temperamento para conseguir viver em isolamento e administrar sua liberdade e prazos." Visão similar a de Edu Oliveira, para quem o trabalho remoto "exige tanto [do ilustrador] como do cliente disciplina, maturidade profissional e uma civilizada relação de confiança." Mário Alberto trabalhou remotamente, como chargista do jornal *Lance!*:

Comecei a sentir falta da redação. Não sei como é trabalhar num estúdio. Para o meu trabalho, em casa, tinha que me concentrar muito. Muitas vezes fiquei com minha filha, que hoje tem dez anos: "Clara, fica aí sentada agora vendo televisão que o papai precisa desenhar". E o *fechamento* comendo solto! [risos] Ela chegava da escola às seis e o jornal fechava às oito. (ALBERTO, 2017)

A **disponibilidade constante** foi aspecto negativo do trabalho remoto. Durante três anos, Mário Alberto não teve outro ilustrador com quem revezar no jornal. A impossibilidade de ausência gera desgaste, mesmo trabalhando de casa.

Tiveram a ideia de que eu trabalhasse fazendo todas as charges. Mas o que isso significaria? Que eu não teria mais folga! [...] Durante três anos! Eu até viajava – e levava o computador. Chegou uma hora que a minha mulher até sabia que eu teria que sentar e fazer a charge. Às vezes fazia no domingo de manhã, quando dava para fazer em cima da rodada de sábado. É muito estressante. Eu era uma pilha. Brincava que tinha uma semana de 335 dias e um fim de semana de 30 dias. [risos] Meu fim de semana era minhas férias! (ALBERTO, 2017)

A **redação** está associada a "estresse", "pressão", "caos", "loucura". Esse caos e pressão são vistos tanto como aspecto **negativo** como **positivo**. **Negativamente**, é um ambiente estressante, caótico, vigiado e tumultuado:

O ambiente da redação é quase sempre pesado e claustrofóbico, [...] o profissional precisa estar essencialmente focado, tudo acontece em tempo real, mas todas essas coisas também geram muito estresse e cansaço físico e mental. (X., 2016)

Porém tem como "contra" o prazo, redação de jornal é uma verdadeira correria, afinal, a informação atualmente é algo descontrolado, veloz, e isso acaba refletindo na redação, e conseqüentemente em nós, ilustradores. Geralmente querem pra cima da hora. Ou, temos que dar conta antes de acabar o expediente. (BRUM, 2016)

Ao que parece também com o golpe as coisas pioraram muito para quem ficou dentro da redação. Na véspera do golpe de estado, mais de um amigo jornalista, principalmente do *Estadão*, o jornal mais à direita do espectro político, comentou a pressão de visitas da editoria nas salas, cobrando o resultado das urnas. (ROCHA, 2017)

O ponto negativo talvez seja o espaço mais limitado para trabalhar, a agitação da redação que pode prejudicar a concentração ou o processo de trabalho. (MACHADO, 2017)

Pode criar uma rotina repetitiva e possivelmente cansativa, fechamentos diários ou frequentes tendem a ser estressantes. (TOKIO, 2017)

O contra em trabalhar em redações é o estresse, a correria, as longas jornadas diárias para o fechamento e quando há um certo desentendimento entre a equipe, o trabalho se torna desgastante. Mas temos que colocar na cabeça que redação é sinônimo de loucura e precisamos sempre manter o equilíbrio. (JOTTAS, 2017)

**Positivamente**, o ambiente gera um "caos criativo" e acaba por fomentar o foco no trabalho, como afirma Lelis (2017): "O que motiva é o ambiente sempre caótico em que criamos. E esse caos acaba nos viciando". Para Chico Caruso (2017), a redação "tem telefone, TV, computador, coleção de jornais, cafézinho e não tem cama, é melhor pra trabalhar." Marco Carillo e Robson Vilalba também afirmam gostar da redação:

Eu confesso que gosto mais de estar na redação e aturar os possíveis editores e repórteres chatos que sempre tentam emplacar suas ideias toscas para direcionar o seu desenho do que no aconchego do meu lar. Lembrando que sou da época pré-computador, *Illustrator*, *Photoshop*. (CARILLO, 2016)

Tem outro aspecto, que vai de cada um, mas para mim é positivo, que é o "just in time" – o "prá já!". Surge um assunto e temos que resolver. Penso que é positivo para o ilustrador perceber que estamos fazendo um trabalho, sobretudo. Você tem que ter mecanismos, ferramentas criativas e operacionais para que você possa fazer o trabalho. (VILALBA, 2017)

A infraestrutura pessoal e material foi destacada por Gil Tokio (2017):

Proximidade com os demais profissionais envolvidos, a possibilidade de diálogo, o estabelecimento de padrões e rotinas de trabalho, o maior conhecimento da linha editorial, do ponto de vista prático existe a vantagem do local de trabalho disponibilizar equipamento, computadores, [...] eventualmente regulamentação trabalhista. (TOKIO, 2017)

A possibilidade de trabalho regulamentado é associado à **segurança econômica** do trabalho fixo, presencial, por Jottas e Baptistão:

Acho mais seguro estar trabalhando com carteira assinada, sabendo que todo mês você terá o seu pagamento. Isso não impedirá que você faça *freelas*, aumentando a sua renda. (JOTTAS, 2017)

A vantagem do ilustrador em fazer parte da equipe presencial é a constância da demanda e uma maior previsibilidade financeira, além dos benefícios que o trabalho como empregado proporciona. (BAPTISTÃO, 2016)

Como outra face da mesma moeda, o trabalho remoto é associado à **desvalorização da profissão e vulnerabilidade econômica**:

O maior problema é o do ilustrador que antes, pelo menos, tinha um porto seguro, que era ser contratado. [...] O cara era contratado, ia para o jornal e tinha trabalho pra cacete. Ele tinha o salário dele, o plano de saúde dele, o décimo terceiro, férias... uma série de vantagens que ele agora não tem. Viver de *freelancer* como ilustrador no Brasil, hoje em dia, quem consegue!? [...] Quando a gente perde um meio como o impresso – porque o impresso é o que dá emprego para essas pessoas, que cada vez diminui mais – e quando o impresso para de contratar e passa a fazer o seguinte: pagar o quanto der? Se você ganhava mil e tantos reais... [pausa] “Agora é cem reais, pela ilustração, heim? Tá a fim?” O cara topa, né? (HIPPERTT, 2017)

A ilustração pode passar a ser um *bico* ou uma atividade secundária. Para Orlando (2017): "Infografistas que trabalham nas redações são infografistas que 'quebram um galho' no fechamento. Nada a ver com ilustração." O pouco volume disponível ao trabalho *freelancer* acentuaria este cenário. Para Jottas (2017) "o problema é que hoje em dia está cada vez mais difícil viver de *freelas*, principalmente depois de surgirem sites de bancos de imagem." Na visão de Seri (2017): "Penso que o ilustrador remoto funciona em redações bem estruturadas, onde seja a práxis diária demandar ilustrações".

Por outro lado, a **maior autonomia** é uma vantagem do trabalho remoto. Para Odyr Bernardi (2016), "trabalhando em casa você tem mais liberdade de operação, de métodos, de trabalhar no seu tempo, sob as drogas que escolher." Lúcio Oliveira vê nesse modo a possibilidade de se ganhar mais, trabalhando para mais de um jornal:

Há uma década que não piso mais em redação de jornal. A internet facilitou muito o meu trabalho. Posso trabalhar com dezenas de jornais ao mesmo tempo, bem diferente de quem está picando cartão numa empresa jornalística. O ganho é bem maior. (OLIVEIRA, 2017)

Além do ganho de tempo, a possibilidade de se trabalhar para outras áreas, jornais e regiões geográficas foi citada por Fê, Mário Tarcitano e Thaís Gualberto:

Hoje, com o desenvolvimento tecnológico, não vejo a menor necessidade da presença do ilustrador na redação. Principalmente nas grandes cidades, o ilustrador teria bastante tempo a mais de trabalho caso não necessitasse desse deslocamento. (TARCITANO, 2017)

No começo dos anos 90 logo que entrei no jornal *Folha de S. Paulo* através do "Concurso de ilustradores" todos os ilustradores trabalhavam presencialmente na Editoria de Arte da Redação. Diariamente, no meu caso, pelo menos até 2004. A partir daí até os dias de hoje trabalho a distância no meu estúdio e envio as minhas ilustrações pela internet. Eu gostava muito de trabalhar na redação pois a agitação e a movimentação que ia aquecendo ao longo do dia até chegar o horário do fechamento era altamente estimuladora para a criatividade e tínhamos que ter muita disciplina para a entrega da ilustração. Outra coisa maravilhosa era a troca de experiências, intercâmbio de ideias e técnicas que nós ilustradores compartilhávamos. Por outro lado, quando pude criar a distância, não precisando mais estar diariamente na redação, me abriu um leque enorme para me dedicar ao universo de ilustração de literatura infanto-juvenil. (FÊ, 2017)

Por morar na Paraíba, a vantagem mais óbvia de se trabalhar remotamente é justamente o fato de poder fazer esse trabalho de qualquer lugar do país. Aqui no estado há pouquíssimas publicações que utilizem ilustradores e quando o há, geralmente é apenas um. (GUALBERTO, 2017)

Por outro lado, o trabalho em redação foi associado a **menos autonomia**. Segundo Baptistão (2017): "A desvantagem é estar preso a um horário pré-definido, que nas redações costuma avançar muitas vezes para além do previsto". Para Gil Tokio (2017), "o salário tende a ser fixo, independentemente da quantidade de ilustração produzida" e o trabalho presencial "inviabiliza ou dificulta a possibilidade de trabalhos de ilustração em outros lugares".

Independente de prós e contras, **o trabalho remoto freelancer é visto como tendência** pelos ilustradores. Para Fernando Carvall: "Não existe mais a primeira opção" – se referindo ao trabalho fixo presencial –, visão corroborada por Orlando Pedrosa: "A primeira situação praticamente não existe mais e isso é uma pena." Para André Hippertt, Ilustrador e Editor de Arte, "A Ilustração perdeu espaço. Ponto. Em qualquer setor."

"Infelizmente a derrocada da imprensa está limando tudo que equivocadamente é considerado como supérfluo, e os ilustradores certamente estão nessa categoria," pontua Bruno Maron (2017) dando voz à sensação de que a ilustração é vista como supérflua.

## O futuro do ilustrador na indústria jornalística

Quando o assunto foi o futuro da profissão, a **desvalorização** foi o principal tema identificado. Na visão dos ilustradores, haverá **menos vagas** e **menos espaços** para publicação. Para Baptistão (2017): "Não é uma visão otimista. A mídia impressa vive uma crise, e isso afeta diretamente os ilustradores, com a diminuição dos espaços para ilustração." Kleber Sales (2017) também qualifica o momento como "difícil" e nota que "as redações encolhem." Bennet corrobora: "Será bem menor. Talvez com gráficos. Caricaturas. Os espaços não estão menores somente no impresso, no digital sinto que os editores preferem fotos e gráficos." Odyr (2017) acredita que a Ilustração está "ameaçada como quase toda a profissão jornalística, que encolheu redações e fechou veículos impressos." Vitor Cafaggi (2017) acredita que "o ilustrador continuará sendo visto como uma figura menor dentro do jornal. Não vejo ele sendo mais valorizado e nem perdendo totalmente o seu espaço." Já Rodrigo Rosa (2017) observa que há "visível diminuição de espaço para pautas ilustradas." Para Marco Carillo:

Agora o futuro da ilustração ou de nós ilustradores é sombrio neste mercado editorial brasileiro com o nível muito baixo das nossas gratificações (está

cada vez mais difícil pagar suas contas), a banalização e empobrecimento das imagens e a falta de formação intelectual mais do que técnica dos novos aspirantes desta nossa profissão ainda não regulamentada. (CARILLO, 2017)

Apresentamos os principais temas identificados nas respostas à pergunta "Como você vê o futuro da profissão de ilustrador na indústria jornalística?", no gráfico a seguir:

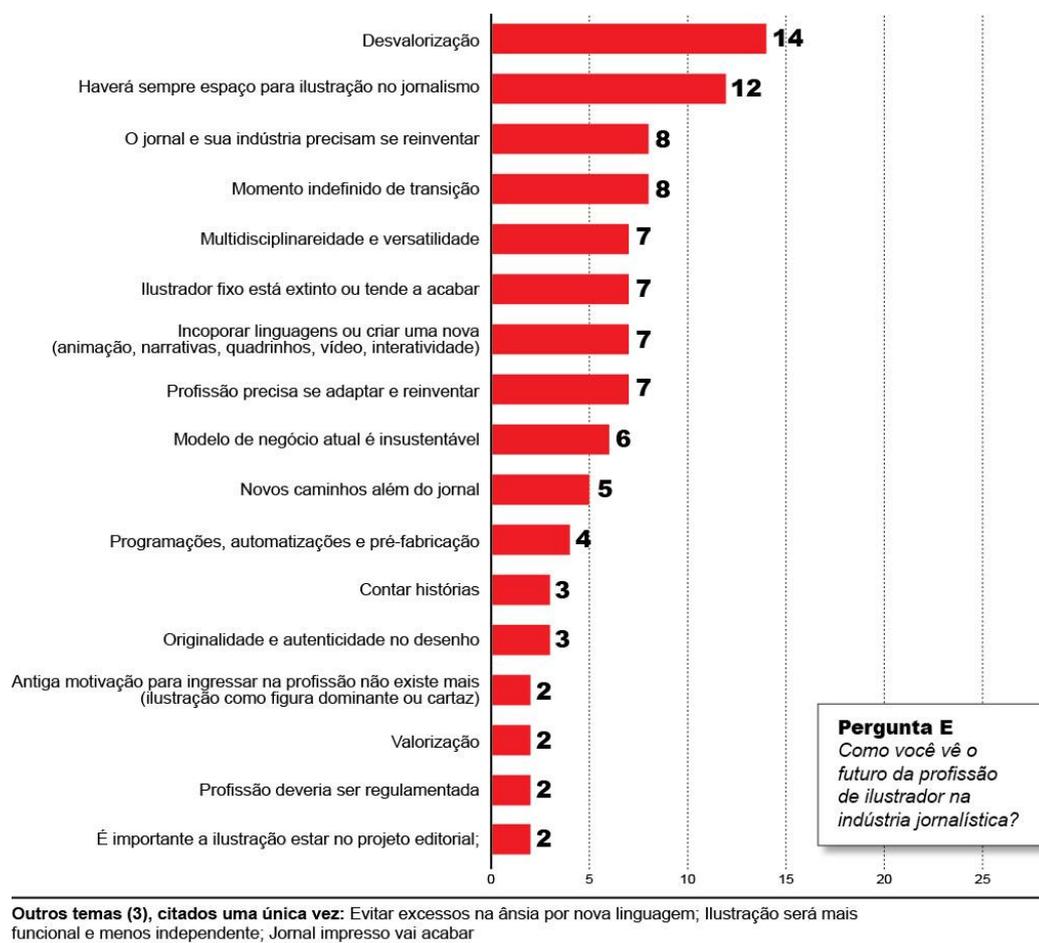


Figura 2 – Temas prevalentes nas repostas à pergunta.

A **vulgarização** da ilustração e a **baixa remuneração** contribuem para a **subutilização** da mesma. “Só vejo tapa-buracos,” afirma Orlando Pedroso (2017). Para Kleber Sales (2017), “as versões digitais anda não sabem o que fazer com as ilustrações disponíveis.” Para Lélis:

O que vejo hoje é mais e mais ilustradores buscando espaço e, pior, a qualquer custo. Com isso, a discussão sobre a regulamentação da profissão, melhores condições de trabalho e contratos mais dignos caem por de terra dando lugar à necessidade de "aparecer" no mercado fazendo com que nossa atividade seja subutilizada e cada vez mais mal remunerada. (LÉLIS, 2017)

Esse contexto dificulta o desenvolvimento profissional pela **intermitência** e **saturação de mercado**. Para X. (2017): “Os ilustradores de outras épocas eram bem

conhecidos e respeitados e existia até um certo *glamour* na profissão. Hoje parece ser muito mais fácil publicar algo, mas bem mais difícil se firmar no mercado.” Bruno Maron (2017) acredita que o futuro será “mais ou menos como o presente: *frilas* mal pagos sem periodicidade. Nada bom.” Cláudio Duarte (2017) também crê que “o mercado está inflamado”. Para o ilustrador, há “muita gente” ilustrando: “Bons ilustradores, no meio de muita gente que pensa que é ilustrador seduzido pela menor oferta de valorização do ofício.” Priscila Vieira (2017) tem visão semelhante:

Espero que seja mais valorizada. Atualmente a facilidade de produzir imagens e de se expressar através dela, fez com que o número de ilustradores aumentasse. Mas quantidade não quer dizer qualidade. Muitos estão vendendo suas obras por valores irrisórios ou pior: pelo mero fato de “projetar” seus trabalhos em veículos de destaque, o que vem a destruir o verdadeiro mercado. Espero que os novos profissionais se valorizem para que esse tipo de abuso não se perpetue. Desejo também que os editores tenham o bom senso de considerar que ilustração é um trabalho que valoriza o próprio jornal e que por isso deve ser melhor remunerado. (VIEIRA, 2017)

Apesar do pessimismo, muitos acreditam que **sempre haverá espaço para ilustração no jornalismo**. Esta é a opinião de Rodrigo Rosa, Renato Machado e Seri (2017), para quem, enquanto houver jornais: “sempre haverá espaço para a ilustração”. Jarbas Domingos (2017) acredita que será “necessária enquanto existir indústria jornalística.” Para Francisco Martins (2017): “o que precisamos é fortalecer essa relação [com a indústria]”. Gil Tokio destaca as contribuições do ilustrador no jornalismo:

A ilustração jornalística abrange um leque muito grande de possibilidades. Podemos citar cartunistas, caricaturistas, quadrinistas e vários outros que tendem a usar técnicas tradicionais de desenho (linha, cor, estilização, às vezes humor), mas há necessidade dentro desses veículos de comunicação de diversos outros tipos de imagens: mapas, fotomontagens, gráficos, retratos realistas, arte abstrata, escultura, colagem, modelagem tridimensional, e tudo o que a linguagem de ilustração permitir. Não vejo possibilidade da profissão deixar de existir enquanto existir esses meios de comunicação. (TOKIO, 2017)

A crença em um leitor mais simpático a imagens e menos interessado em textos longos, motiva a noção de que haverá mais espaço para ilustração, mesmo diante da crise. Para Arnaldo Branco (2017), a Ilustração “vai continuar sendo absolutamente necessária, até porque as pessoas querem cada vez menos texto para acompanhar seus gráficos favoritos.” X. (2017) trouxe visão similar: “Acredito que haverá espaço, pois as pessoas estão lendo menos os textos longos e as figuras têm exercido grande papel.”

Antes de se pensar o futuro do Ilustrador, seria necessário pensar o futuro do jornal. “Qual é o futuro da indústria jornalística?,” questiona Carvall (2017). “Com a popularização da internet a indústria jornalística está tendo que se reinventar, alguns veículos tradicionais fecharam as portas ou reduziram bastante suas equipes, inclusive de ilustradores,” observa Thaís Gualberto (2017). Para Vladimir Barros de Souza (2017), a ilustração se adaptará, “deixando de ser um mero apoio, mas base para o jornalismo moderno.” Chico Caruso (2017) condiciona: “Se a indústria jornalística tiver futuro, ilustradores, chargistas e fotógrafos lá estarão. Jornal sem imagem é inconcebível e insuportável...” Para Cavalcante (2017): “O futuro é muito difícil de projetar. Não acho que o jornal vai acabar. Talvez o impresso vire

uma coisa especial.” O ilustrador crê que a ilustração também não vai acabar, “mas pode virar algo especial.”

O zelo pela credibilidade e o respeito à função social do jornalismo foi destacada como fundamental para manter leitores. Edu Oliveira (2017) pondera:

Não vejo futuro na indústria jornalística tal como conhecemos hoje. Inclusive, na minha opinião pessoal, acho as palavras “indústria” e “jornalística” moral e eticamente incompatíveis. [...] Quando a busca pelo lucro está na mesma raia do jornalismo, o jornalismo perde. O jornalismo que eu falo é no sentido de atividade que serve à comunidade, tão responsável e importante quanto médico. As pessoas tem que poder confiar num médico, não há alternativa. É uma obrigação moral do médico ser confiável e o mesmo eu acho de jornalista/jornalismo. As maioria das pessoas não tem a quem recorrer por informação além dos jornais tradicionais on e offline, é uma confiança, um farol. Vou dar um exemplo: Você não noticia sobre uma marca de refrigerante que faz mal à saúde por que ela paga anúncio no seu veículo. Simples, para não perder dinheiro eu ignoro uma notícia que todo mundo deveria saber. Eu sei de casos assim. Quando o lado gestor se impõe ao lado cidadão. É isso que eu chamo de indústria, um troço que produz salsicha. (OLIVEIRA, 2017)

Hippertt (2017) reforça a necessidade de credibilidade e vozes dissonantes:

Acho que o jornalismo e os jornais também são um pouco responsáveis pela merda em que eles estão. A única coisa que pode diferenciar um jornal de uma pós-verdade, de notícias *fake*, é ele ser um jornal que tenha credibilidade. E os jornais não estão querendo trabalhar isso, parece que estão *cagando* - querem ser parciais! [...] Outro dia tive uma discussão sobre isso. A primeira página do jornal tinha todos os articulistas dizendo que o Lula se ferrou no depoimento. Não tinha uma voz dissonante! [...] Você pode editar da maneira que te interessa mais, mas vai ter algum maluco, que vai reparar. E vai ver que não é bem assim. Então isso tira também o poder do jornal. Se o jornal perde credibilidade e o leitor não compra mais, você perde seu espaço. É nítido isso. (HIPPERTT, 2017)

André Mello (2017) teoriza acerca de um futuro pós *fake news* digitais:

Acho que estamos passando por um momento ruim da ilustração por conta da crise – do Brasil, do jornal e do mundo. Agora, minha teoria é a seguinte: o jornal impresso vai acabar, beleza. Aí, vai ficar todo mundo se informando na boataria da internet: pega uma foto, inventa uma legenda e o pessoal acredita. "Esse cara aqui matou dez crianças" E pegam ele na rua e matam. Então, vai haver a necessidade das coisas serem apuradas. As pessoas mesmo vão sentir falta de informação confiável. Aí, no futuro, as pessoas vão inventar uma coisa maravilhosa: o jornal! Um negócio bacana, um jornal impresso! Tudo está voltando... o vinil... [...] [Na internet] você tem acesso a um monte de bobagens no meio do jornal. No impresso, não, você sabe que o que está ali. Está organizado, foi apurado. O problema não é o jornal na internet – é a internet. Uma vez, ouvi: a internet é uma lata de lixo. Às vezes, você encontra uma coisa que preste, mas a maioria não vale nada. (MELLO, 2017)

Lélis (2017) chama atenção para a indefinição do cenário atual: “Não sei como responder isso. Acho que posso ser pessimista porque já vivi outros momentos mais profícuos. Pode ser que a ilustração seja redescoberta, sei lá.” Alguns ilustradores pontuaram que o importante é compreender que **o momento é de transição**.

Para Vinicius Machado (2017), seria “mais uma questão do formato que o jornal vai assumir.” Baptistão (2017) corrobora: “A internet é um campo de trabalho ainda por se definir. Acredito que estamos numa fase de transição, o problema é que não sabemos exatamente para onde.” Para Mário Leite (2017), “cada caso é um caso. Qualquer generalismo converge para uma idiotice.” Ele acredita na transformação do jornal:

Quantas pessoas vão visitar a Monalisa por ano? Quantas pessoas vão visitar a Mona Lisa pela segunda, terceira, quarta vez? A Mona Lisa parece que existe desde sempre e vai existir pra sempre. Então, esses vaticínios do tipo “a internet não aceita isso!” “O jornal não vai existir mais” ou “as rádios vão acabar”. São coisas que você escuta toda hora. As coisas não acabam. Elas se transformam, já dizia Lavoisier. (LEITE, 2017)

Seri e Rodrigo Rosa acreditam que a ilustração esteja passando por um de seus “ciclos”. Para Rosa (2017) “daqui a pouco aparece uma nova tendência, uma outra publicação que valorize a ilustração e comece uma nova onda, vamos ver.” Seri (2017) observou que “sempre haverá os ciclos em que se demanda mais ou menos quantidade de Jobs”, algo “inerente ao movimento da imprensa.”

A necessidade de **interação maior com o Design e o Jornalismo** foi outro tema identificado. Para Renato Carvalho (2017), “haverá mudanças significativas sim. Entre elas, essa maior interação com outras áreas, maior diversificação do trabalho.” X. (2017) observa que “um ilustrador precisa desempenhar várias funções e acaba por também ser designer, infografista, editor de vídeo ou de imagem.”

Jottas, por exemplo, atua em vários posicionamentos como ilustrador:

Atualmente um ilustrador não faz só ilustrações. Eu, por exemplo, sempre criei charges, tirinhas, caricaturas, ilustrações e infografias. Acho importante ter experiência em vários segmentos, desta maneira você terá um leque de possibilidades no mercado. (JOTTAS, 2017)

Mário Alberto (2017) defende a interdisciplinaridade. Para ele, a internet é “interdisciplinar” e “ter essa conversa com outras pessoas de outras áreas é importante para o ilustrador.” Segundo Mário Leite (2017), pensando como infografista:

Acredito que tem duas molas propulsoras no mundo, que de fato levam o mundo para a frente: a ciência e a arte. Acho que o infografista tem a sorte de trabalhar com essas duas coisas. Acho uma profissão extremamente privilegiada. Fico impressionado que meus colegas infografistas às vezes não a vejam dessa forma. (LEITE, 2017)

Fernando Rodrigues argumenta que o infografista é o jornalista de imagens:

Na minha opinião, eu falo isso há cem anos, o infografista tornar-se-á um jornalista, mas num contexto de retroagir, porque, lá atrás, o jornalista era um infografista. Porque o infografista era um elemento que não sabia escrever e só desenhava. [...] Vou clarear: homem das cavernas? Ele escrevia através de desenhos. Ele era um jornalista, mas não escrevia. Através das imagens, você entendia a história. Tanto é que sempre falo que ninguém criou o infografista, ele vem em função da história da humanidade. Aquelas imagens na pedra, só que sem texto. (RODRIGUES, 2017)

Apesar de acreditarem que a ilustração terá espaço, **o trabalho de Ilustrador fixo tende a acabar**, sendo considerado extinto por alguns entrevistados. Para Orlando Pedroso (2017): “A profissão acabou. Pode ser reinventada, mas neste momento não existe mais.” Rafael Campos Rocha (2017) acredita o trabalho “vai terminar, como o resto da profissão.” Fernando Rodrigues (2017) tem opinião semelhante, ponderando que, como “meio de vida” tornou-se inviável: “Acho que ilustrador de jornal vai estar extinto em pouquíssimo tempo. Mais rápido do que se imagina. Vai ser pintor, escultor, vai fazer outra coisa.” Jarbas Domingos (2017) aposta em “cada vez menos gente nas redações e cada vez mais gente trabalhando remotamente”. Renato Carvalho (2017) destaca a contradição entre uma cultura de massa que valoriza cada vez mais as imagens na comunicação visual e um mercado jornalístico que reduz vagas para ilustradores:

Não penso que a ilustração deva perder sua importância. [...] Nossa cultura é extremamente visual e tende a se tornar ainda mais com o passar do tempo. Isso deve valorizar ainda mais a profissão de ilustrador no futuro. [...] Parece que o mercado está caminhando em sentido contrário, visto que o quadro de ilustradores contratados tem diminuído consideravelmente nas redações. É muito provável que dentro de pouco tempo o mercado jornalístico trabalhe apenas com ilustradores *freelancers*. Mas penso que a ilustração continuará a estar presente na comunicação jornalística, seja ela digital ou impressa, como parte integrante cada vez mais essencial da comunicação. (CARVALHO, 2017)

**Incorporar linguagens** como animação (vídeo), quadrinhos, e ambientes interativos à Ilustração ou mesmo **buscar uma nova linguagem** para a Ilustração digital em *smartphones* foi tema citado por 15% dos entrevistados. Para Fê (2017): “A ilustração terá movimento, pequenas animações com sons e mais interativas, uma nova ilustração com uma nova tecnologia!” Robson Vilalba acredita nesse potencial:

Se alguns jornais souberem e tiverem interesse econômico em aproveitar, poderão trazer essas ferramentas como conteúdos especiais para dentro dos portais de notícias. Talvez seja esse o espaço. Diferente disso, na minha opinião, são essas novas formas de relacionar desenho e notícia. (VILALBA, 2017)

Mário Alberto acredita ser importante que os ilustradores comecem a pensar e trabalhar essas possibilidades, participando ativamente e compreendendo o que funciona e o que não funciona. O ilustrador relata a experiência na criação de uma história em quadrinhos com versão para leitura em vídeo:

Ano passado fiz umas histórias em quadrinhos – biografias de atletas olímpicos. Disponibilizamos o PDF das páginas no site. Tinha um cara de vídeo, que trabalhou conosco até ano passado. Com formação em cinema, ele foi criando uma narrativa e compondo com os desenhos e o texto, um "motion comic", mas sem forçar uma animação. Foi um bom uso do movimento. Não é uma coisa "tentando ser". Se a gente fosse tentar fazer animação mesmo, não ia conseguir. Do jeito que ficou, a maneira que ele compôs com os desenhos, criou-se um vídeo – uma forma de apresentar o conteúdo em vídeo. Então o leitor tinha duas formas de consumir: clicando e vendo o vídeo ou baixando e lendo a história em quadrinhos. [...] Os vídeos não podem demorar muito. Como se faz? Uma forma, é sempre oferecer as duas coisas. O cara que não quer ver vídeo, pode ler. [...] É pensar em como fazer as ilustrações nesse meio. Não é necessariamente criar uma charge animada. É criar novas formas. [...] Acho que tem como você ter o seu trabalho nesse meio, sem se aviltar, sem fazer um negócio estranho, sendo relevante. O ilustrador que for por esse caminho, precisa ter interesse – pelo menos interesse. (ALBERTO, 2017)

Rubens Paiva, editor de arte do *Globo*, também defende que os ilustradores se envolvam mais com as novas tecnologias, evitando alimentar um "preconceito" contra a web:

Para que o ilustrador tenha seu papel reconhecido nos ambientes multimídia é preciso que ele passe a investir em treinamento e se torne um profissional de imagem multiplataforma. O ilustrador precisa se desvencilhar da ideia de que só a publicação impressa tem relevância e deixar de lado o preconceito com a web. Para ilustrar editorialmente em ambientes online multiplataforma é preciso saber mais sobre os formatos, é preciso estudar animação (vídeo tradicional, gif, motion graphics etc) e também é preciso aprender sobre narrativas visuais. Isso tudo parece complicado, mas na verdade lidamos com esses elementos o tempo todo quando interagimos nas redes sociais. Nesse ambiente multiplataforma de transformação das profissões os infografistas se atualizaram, assim como os fotógrafos e videomakers. Mas os ilustradores parecem ter ficado de fora dessa "onda". E o mercado é implacável com os profissionais que não se adaptam às novas mídias. (PAIVA, 2017)

Há a esperança de que a profissão seja **reinventada**, ressurgindo futuramente melhor **adaptada** aos novos meios. Esse tema foi identificado por falas que sugerem a necessidade de transformação diante de um momento de crise extrema porém passageira, como a bonança que se espera após a tempestade. Para Brum:

Eu sou um cara otimista. Mas acontecimentos recentes acabam abalando um pouco esse otimismo. Cada vez mais, vemos menos ilustradores nas redações, mas vai chegar uma hora que o mercado vai precisar desse profissional, então vai acabar nos pescando novamente. Afinal, como já disse, uma redação sem um ilustrador, é uma redação incompleta, mas acredito que vai demorar um bom tempo até que essa pescagem seja feita, até lá, a coisa vai ser meio que tensa pra quem quer viver como ilustrador. Acho que (não sei como) devemos reinventar a maneira com que nos posicionamos no mercado pra acabar com essa tensão e termos o lugar que merecemos. Será complicado, mas estaremos sempre presentes. (BRUM, 2017)

Lúcio Oliveira (2017) é otimista e acredita que os profissionais precisam “envolver-se mais e criar mais. A internet está aí para isso. O campo é vasto e estamos numa época brilhante.” Para uma ilustradora X. (2017):

Com a decadência do jornal impresso e o crescimento das mídias digitais temos que nos adaptar a novos programas e maneiras de trabalhar. Nossa arte pode ter um alcance muito grande, mas na era da informação rápida nada dura por muito tempo. (X., 2017)

Na visão de Mário Leite:

Não sou religioso não, mas tem um entendimento de que a parte mais escura da noite é aquela que antecede o amanhecer. Vivemos essa fase muito escura agora. A indústria intelectual está em crise e jornalismo faz parte dessa indústria. (LEITE, 2017)

**O modelo de negócio** atual, **insustentável**, seria um empecilho à retomada. Para Lúcio Oliveira (2017), a dificuldade pode levar a desistência: “Poucos conseguem fazer isso virar dinheiro e desistem no caminho. Esse é o grande desafio neste tempo conturbado de mudanças sociais.” Bruno Drummond vê o tema com apreensão:

O tal "modelo de negócio" adaptado às novas mídias ainda não aconteceu. Mas os jornais estão buscando. O The Guardian da Inglaterra tem pedido doações individuais em quase todas as matérias online. Há um trabalho de conscientização de que o bom jornalismo custa dinheiro. Aliás, é o mesmo discurso que ilustradores sempre usaram para vender eu peixe: uma boa ilustração custa dinheiro! Ilustrar não é apenas decorar um texto. [...] Mas, no geral, está ruim pra todo mundo. (DRUMMOND, 2017)

André Hippertt (2017) reforça essa visão:

A internet criou uma geração que acostumou-se a não pagar. Então também recebe algo de baixa qualidade. Algumas pessoas agora estão se tornando mais conscientes, porque sabem que se você não pagar, não vai ter mais artistas. Eles não sobrevivem mais e não vendem mais discos, não vendem a ilustração deles, não vendem os livros deles. As pessoas pegam tudo de graça. E aí vemos algo como a *Netflix* que deu certo! Bota um preço baixíssimo com qualidade dentro. E por mais que *pirateiem*, ele consegue ganhar uma grana preta ali. Como a *Amazon* faz também. [...] Vejo algumas pessoas tentando outras maneiras de ganhar dinheiro, como *crowdfunding*. Mas a maioria que conheço, tenta e não consegue. E, se consegue, é o básico. Não dá para bancar o que foi oferecido. Quem ganha dinheiro com internet é quem cuida do conteúdo: *Google*, *Facebook*. Não produzem uma letra, nem um desenho, mas ganham dinheiro com conteúdo. (HIPPERTT, 2017)

Vinicius Machado acredita que a saída são os assinantes digitais:

Se os investimentos digitais se mostrarem sustentáveis, acho que o ilustrador pode ganhar muito mais espaço e recurso para trabalhar. Os portais precisam de conteúdo de qualidade e a internet é muito visual. O leitor digital precisa se interessar por uma matéria antes mesmo de lê-la e a ilustração é um recurso fantástico para agregar valor ao conteúdo. Se os jornais conseguirem fidelizar leitores (assinantes digitais) acho que a ilustração pode ganhar muito mais importância do que é hoje no papel. (MACHADO, 2017)

O futuro do ilustrador pode estar em **novos caminhos além do jornal**. Trabalhos de jornalismo em quadrinhos, caricatura e ilustração encontram espaço no mercado de livros e redes sociais. Para Bruno Drummond (2017): “O futuro da ilustração jornalística pode também não estar atrelado ao dos jornais. Autores como Joe Sacco ou Guy Delisle têm mostrado novos caminhos com boas reportagens em quadrinhos.” Robson Vilalba, corrobora:

Sou entusiasta do jornalismo em quadrinhos e acompanho produções de outros profissionais nessa área. Isso tende a crescer mas não ligado a um jornal ou veículo específico. O *New York Times* e o *Guardian* fizeram algumas publicações. Na França há uma revista inteira feita de jornalismo em quadrinhos, inclusive com editorias. O que acho, respondendo de outra forma, o desenho e notícias, ou a ilustração de notícias, ela está saindo de dentro dos jornais e está encontrando outro espaço e outra plataforma. (VILALBA, 2017)

Thaís Gualberto (2017) cogita: “Acredito que os ilustradores ainda têm um futuro à frente na indústria, mas talvez o futuro esteja em um nicho mais recente, alternativo e talvez pague até melhor do que os tradicionais baluartes da imprensa nacional”. André Hippertt comandou por anos a Arte do jornal *O Dia* como Editor Executivo, mas renovou seu fôlego como caricaturista através das redes sociais:

Estou investindo muito mais no meu lado autoral do que no de Editor. Para retornar a esse meu lado. Fiquei mais conhecido nos últimos três anos do que nos últimos vinte anos. [...] Era Diretor de Arte: ganhei cinco prêmios Esso, quarenta SND, etc. Peguei um jornal e coloquei nos píncaros do Design brasileiro. Mas, *porra*, ninguém sabe disso. Você faz uma caricatura [nas redes sociais] e um cara na China vira teu amigo. Ganha um concurso digital desses aí, você vai no perfil e tem gente falando árabe, chinês! [risos][...] Você consegue algumas coisas por vias indiretas, o que é interessante. Já consegui *freela*, palestras. Fui convidado para ser jurado de eventos. Porque veem as coisas que você está fazendo. [...] Acho que você como ilustrador não deve se esconder, não deve sair da rede. A rede é ruim para você, mas é boa pra você também. Como a gente vai ganhar dinheiro com isso? É outra coisa... (HIPPERTT, 2017)

**Programações e trabalhos pré-fabricados** via bancos de imagem e agências também estão no caminho do futuro ilustrador e designer. Embora considere “difícil de fazer qualquer tipo de previsão”, X. ressalta a “facilidade de acesso a programas e aplicativos capazes de gerar imagens ilustrativas em pouco tempo”. Na visão de Robson Vilalba, o contexto de trabalho atual favorece a programação:

Se continuar por essa via de texto, toda a via do Design ficará em detrimento – o que você teria agora seriam programadores trabalhando dentro do jornal. Pelo menos essa é a realidade que estamos passando agora: tira-se o designer e entra o programador. Que é uma coisa muito parecida com o que aconteceu no Washington Post, por exemplo, eles têm mais programadores que designers. (VILALBA, 2017)

Cida Calu observa que essa perspectiva já existia há mais de uma década. Ela recorda debates ocorridos na redação de *O Globo*, quando da ocasião de um colega infografista retornar de um curso na agência de notícias Reuters, no exterior:

A gente usava muito a agência para gráficos e aí eles passaram a oferecer ilustração também, coisas prontas. Que é o que já está acontecendo aqui no *mobile*. Já tem pacotes com *templates* prontos. [...] E aí você vai puxar: preciso de uma ilustração disso ou daquilo. A ilustração mesmo, essa que você está pesquisando. Há dez anos ele disse: Cida, o que você acha da agência da Reuters atendendo direto? Quem é que vai querer os funcionários ali tendo carteira, plano de saúde, etc., se ele pode pegar no banco de imagens tudo pronto? (CALU, 2017)

Uma forma da Ilustração se manter relevante é buscando originalidade, evitando fórmulas. Mário Tarcitano (2017) exemplifica: “O futuro, com a velocidade das mudanças tecnológicas, é uma incógnita, mas creio que nunca se vai substituir uma ideia original.” Outra aposta é o enfoque em contar histórias. Para Alvim: (2017) “A tendência, na Ilustração, é a de que ela cada vez mais seja funcional, reforçando o conteúdo do texto, seja contando histórias ou narrando um evento. [...] Tem narrativa gráfica ou de informação que tem que ter ilustração”. Mário Leite e Alexandre Lage, da equipe do *GloboEsporte.com*, também acreditam nesse caminho:

Eu acredito muito em boas histórias. Acontece muito do cara [jornalista] ter a matéria e aí ele quer uma ilustração para vender a matéria dele. Só que a história que ele quer contar é chata. Então não adianta você fazer uma mega ilustração que aquela matéria não vai dar clique, entendeu? [...] Se você tem uma história boa, você vai contar ela com vídeo, ilustração ou infográfico e ela vai ser legal. Uma história boa com uma ilustração boa, melhor ainda. Agora com uma história ruim você não consegue fazer nada. Enquanto tiver história para contar, tiver jornalistas bons, que vão buscar histórias que ninguém sabe ou viu, com uma abordagem diferente, vai ter futuro pra todo mundo. Agora se todo mundo quiser fazer a mesma coisa sempre... (LAGE, 2017)

Enquanto a gente viver a “ditadura” - entre aspas - das edições, daquilo que foi editado por outrem, veículos que escolhem que tipo de matéria vai haver na *home* ou na *prima* deles, isso daí é um modelo que corre muito mais risco e está muito mais ameaçado do que a capacidade de contar histórias. Acho que isso não vai acontecer só jornal e jornalismo, mas vai acontecer com o entretenimento. É um movimento longo. As pessoas estão começando a dizer o que elas não querem mais. E isso é muito revolucionário. E veículos que não se adaptarem a uma forma nova de contar uma história e de se colocar diante do mercado, correm sério risco. O que a gente busca aqui em nossa editoria é essa linguagem que de fato é a linguagem “*born and raised*” de contar histórias oferecendo uma nova perspectiva. Onde as pessoas possam encontrar um mundo através daquele trabalho. Uma porta de entrada para um universo e não um recorte retilíneo conjugado de tal forma. Hoje em

dia as pessoas não se contentam só em ouvir música, elas querem fazer música. Elas podem fazer música em casa e colocar para o mundo inteiro ouvir. [...] Se há algum futuro ele passa pela gente! Não há futuro na narrativa que não seja nas possibilidades que uma infografia inteligentemente interativa e necessariamente interativa e que responda às suas perguntas. É por aí que é o futuro do jornalismo. Participativo, interativo, vivo, contínuo e sendo construído. Esses são os fundamentos da mídia internet. Acho que é um futuro fantástico que temos pela frente. E o narrador visual é carro chefe desse negócio. Ainda vamos viver um momento de escuridão muito forte, intelectualmente falando, até que a gente vai conseguir reverter isso. (LEITE, 2017)

## Considerações finais

Com a pesquisa de campo, obtivemos uma amostra do cenário atual da ilustração jornalística no Brasil. A fim de oferecer um resumo da entrevista qualitativa, elencamos, a seguir, os principais temas encontrados nas respostas a cada uma das perguntas.

**Pergunta:** Consideremos duas relações de trabalho distintas: o ilustrador que trabalha presencialmente na Editoria de Arte da Redação – diariamente ao lado de outros ilustradores, infografistas, designers e jornalistas –, e o ilustrador que trabalha remotamente – sem obrigação de estar na Redação, desenvolvendo seus trabalhos a partir de encomendas por e-mail e teleconferências, por exemplo –, como você vê os prós e os contras da experiência do ilustrador de jornal em cada uma dessas situações/ambientes, na sua percepção?

**Aprendizagem, convívio e riqueza de interações (Pró trabalho na redação):** O convívio entre profissionais de gerações e formações diversas é visto como a principal vantagem do trabalho presencial pela oportunidade de aprendizagem de técnicas, conceitos e noções de jornalismo e design, assim como pela riqueza das interações que se desenvolvem na redação de jornal.

**Ambiente caótico, vigiado e estressante (Contra o trabalho em redação):** A redação é associada negativamente a um ambiente frenético e claustrofóbico de estresse, caos, pressão e loucura, onde há maior intervenção por parte do controle editorial e preocupação com os prazos e horários, além de constante interrupção, prejudicando a imersão do ilustrador em seus desenhos.

**Maior autonomia (Pró trabalho remoto):** O trabalho remoto traz horários mais flexíveis, menos controle editorial, menos rotina e chance de maior remuneração ao possibilitar a atuação do ilustrador em outros campos da ilustração ou a publicação em mais de um jornal.

**Interação e coordenação prejudicadas (Contra o trabalho remoto):** A comunicação por mensagem, o *feedback* reduzido e a oportunidade menor de participar dos processos e conversas informais com jornalistas e designers prejudicam a interação e coordenação dos trabalhos, podendo resultar em pedidos mais impositivos, concebidos sem participação inicial do ilustrador.

**Pergunta:** Como você vê o futuro da profissão de ilustrador na indústria jornalística?

**Desvalorização:** A profissão tende a uma desvalorização, com menos vagas e espaços para publicação de ilustrações, sendo subutilizada ou preterida por editores. A vulgarização da ilustração e sua baixa remuneração, dificultam a formação e o desenvolvimento profissional pela intermitência e saturação de mercado.

Considerando que a maior parte dos profissionais entrevistados se posicionaram como

ilustradores que também atuam como cartunistas e/ou infografistas, podemos nos perguntar se o ilustrador de jornais torna-se, cada vez mais, um ilustrador-designer ou um ilustrador-que-escreve – podemos pensar nos trabalhos de humorista, chargista, colunista, quadrista, cronista ou jornalista – fazendo, por exemplo, textos de infográficos e trabalhos *especiais* de iniciativa da arte. O que todos têm em comum é a capacidade de contar histórias, sejam crônicas ou reportagens – habilidade de grande relevância no jornalismo.

Considerando a dificuldade de inserção da ilustração cotidiana tradicional, estática, no cenário multiplataforma, a sobrevivência e relevância da ilustrador de jornais pode estar associada aos trabalhos especiais, de maior fôlego para preparação e execução, e publicação intermitente. Isso poderá demandar do ilustrador uma postura mais interdisciplinar, interessando-se pelo Design e Jornalismo e adquirindo competências dessas áreas. A postura mais interdisciplinar do ilustrador, atuando como um designer de histórias, ou um narrador visual interdisciplinar, nos aponta a questionamentos futuros: seria este novo profissional ainda um ilustrador?

## Referências

HERMES, G. A. **As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte.** São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS).** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, p. 65–73, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LEITÃO, C. F.; ROMÃO-DIAS, D. **Como conhecer usuários através do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS).** VI Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, IHC, p. 47–56, 2004.

### Entrevistas realizadas para a pesquisa

ALBERTO, Mário. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

ALVIM, Alessandro. Rio de Janeiro, 2016. Entrevista concedida ao autor.

BAPTISTÃO, Eduardo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

BERNARDI, Odyr. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

BRANCO, Arnaldo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

BRUM. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

CAFAGGI, Vitor. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

CALU, Cida. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

CARVALHO, Renato. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

CARVALL. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

CAVALCANTE, Paulo. Rio de Janeiro, 2016. Entrevista concedida ao autor.

CRUZ, Glauco. Rio de Janeiro, 2016. Entrevista concedida ao autor.

DOMINGOS, Jarbas. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

DRUMMOND, Bruno. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

DUARTE, Cláudio. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

FÊ. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

FRANÇA, Bernardo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

GUALBERTO, Thais. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

HIPPERTT, André. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

JOTTAS, Ricardo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

LAGE, Alexandre. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

LEITE, Mário. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

LÉLIS, Marcelo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

MACHADO, Renato. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

MACHADO, Vinicius. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

MARON, Bruno. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

MARTINS, Francisco. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

MELLO, André. Rio de Janeiro, 2016. Entrevista concedida ao autor.

OLIVEIRA, Eduardo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor,

PAIVA, Rubens. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

PEDROSO, Orlando. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

ROCHA, Rafael Campos. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

ROSA, Rodrigo. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

SALES, Kleber. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

SAMUCA – Samuel Rubens de Andrade. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

SERI – Sergio Ribeiro Lemos. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

SOUZA, Vladimir Barros. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

TARCITANO, Mário. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

TOKIO, Gil. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

VIEIRA, Priscila. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

VILALBA, Robson. Rio de Janeiro, 2017. Entrevista concedida ao autor.

